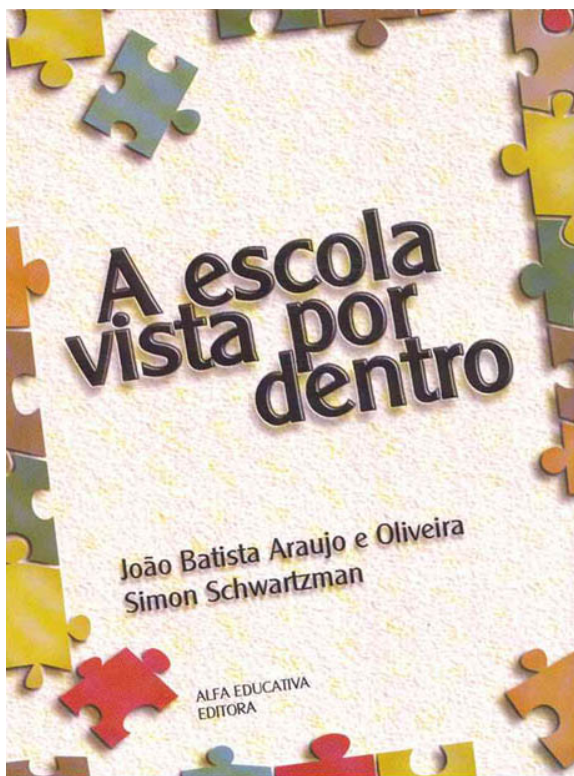
Pai e Professor culpam aluno por repetência

Resenha de A Escola Vista por Dentro, João Batista Araújo e Oliveira e Simon Schwartzman, Belo Horizonte, Alfa Educativa, 2002.

Antônio Gois, Folha de São Paulo, 1/2/2002.

Para pais e professores da rede pública do país, o estudante é o principal responsável pela repetência escolar e até mesmo pelo péssimo desempenho do Brasil em avaliações internacionais. É isso que revela uma pesquisa realizada por dois dos maiores especialistas brasileiros no assunto, João Batista Araújo e Oliveira e Simon Schwartzman.

O estudo, que será publicado no livro "A Escola Vista por Dentro", mostra que a maioria dos pais e professores é tolerante com atitudes que prejudicam o desempenho do aluno, como atrasos, faltas e desinteresse do estudante pela lição de casa.

De acordo com a pesquisa, 57% dos pais consultados colocaram a culpa da repetência no estudante. Essa porcentagem é maior nas escolas públicas (63% nas municipais e 54% nas estaduais).

Já nas particulares, apenas 31% dos responsáveis apontaram essa como a principal causa da repetência escolar. Os professores colocam ainda mais sobre os ombros dos estudantes a responsabilidade pela reprovação nas escolas públicas. A pesquisa mostra que 77% dos professores em escolas municipais e estaduais apontaram a falta de interesse do estudante como causa para seu fracasso. Nas particulares, essa porcentagem é um pouco menor: 67%.

Araújo, consultor educacional do Instituto Ayrton Senna, e Schwartzman, sociólogo e ex-presidente do IBGE, fizeram entrevistas com pais e professores de escolas públicas e particulares de 51 municípios brasileiros. Foram ouvidos 1.380 pais e 2.652 professores de alunos de todo o ensino básico (fundamental e médio) de 141 escolas.

Apesar de o objetivo da pesquisa não ter sido fazer um retrato de todo o sistema educacional básico, a amostra respeitou a proporção entre o total de escolas públicas e privadas brasileiras. A conclusão dos dois especialistas é que "a escola vista só por dentro é incapaz de perceber a relação entre o que faz e os resultados que obtém"

Desempenho

Em dezembro passado, o Ministério da Educação divulgou que os estudantes brasileiros ficaram em último lugar nas provas de leitura, matemática e ciências do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA). A pesquisa avaliou alunos de 15 anos em 28 países desenvolvidos e em quatro países em desenvolvimento.

Segundo Araújo, o discurso dos pais e dos professores vai na mesma linha do discurso governamental, que coloca a culpa da má qualidade do ensino na entrada dos estudantes mais pobres no sistema público de ensino. "Em todas as avaliações recentes sobre a qualidade do ensino, o discurso oficial era o de que a educação estava pior porque tem mais aluno pobre estudando. O discurso dos pais reforça a idéia de que a culpa é dos pobres."

Desinteresse

Embora não culpem a escola pelo fracasso do aluno, uma porcentagem expressiva de diretores e professores pesquisados considera normais práticas que prejudicam a qualidade do ensino.

O controle de frequência é exercido por pouco mais da metade dos professores. Os registros das escolas municipais pesquisadas mostram que os alunos costumam faltar uma vez por mês às aulas, o que significa perda de cerca de 4% do ano letivo.

Não existem parâmetros para comparação no Brasil, mas, em países industrializados, a falta à aula é fato raro e praticamente só ocorre em função de doença grave, dizem os autores da pesquisa.

O estudo mostra que, no dia em que foi aplicado o questionário, mais de 20% dos alunos das escolas públicas não haviam feito os deveres previstos para aquele dia. Nas escolas particulares, essa porcentagem foi de apenas 6%.

A Culpa do Fracasso Escolar

Simon Schwartzman

A revista *Educação & Sociedade,* em seu número 78, de abril de 2002, publica um surpreendente editorial contra matéria publicada na Folha de São Paulo em 30 de março a respeito do livro A *Escola Vista por Dent*ro (Belo Horizonte, Editora Alfa Educativa, 2002), de autoria de João Batista Araújo e Oliveira e Simon Schwartzman. Surpreende que o artigo critique o livro e os autores a partir de uma notícia de jornal, e não da leitura do próprio livro, que seria o mínimo de se esperar de uma revista que pretende defender a importância da pesquisa educacional séria e responsável. Depois, porque o autor do editorial entendeu o oposto do que está escrito no livro e na própria matéria da Folha. O livro não diz que o estudante é o principal responsável pelo fracasso escolar. O que o livro diz é exatamente o contrário: as escolas e os professores devem assumir sua parte da responsabilidade pela educação, e não podem se eximir desta responsabilidade dizendo que o problema é dos estudantes ou de suas famílias.

Poderíamos esperar menos discordância se o editorialista tivesse se dado ao trabalho de ler o livro. Se ele tivesse feito isto, talvez encontrasse outros pontos de convergência, como a crítica que também fazemos aos “pacotes pedagógicos” e às sucessivas reformas educacionais vindas de cima para baixo que atropelam constantemente as instituições escolares, sem impactos conhecidos, e muitas vezes prejudicando em seu funcionamento

Onde talvez a discordância não possa ser contornada é em relação à postura do editorialista de eximir os professores, educadores e administradores escolares da responsabilidade que lhes toca pela educação, colocando toda a culpa no “isso que aí está”, na expressão de Florestan Fernandes citada no fim do editorial. Para o editorialista, não existiriam problemas técnicos e pedagógicos na educação brasileira, somente problemas políticos, associados a interesses econômicos e relações de poder “instaladas

em todas as práticas e processos", que impediriam que a educação se desenvolva. Já os autores do livro pensam que, em todos os países e sociedades, existem relações de poder, dominação e interesses econômicos, mas que a existência destas relações de poder e dominação não pode servir de pretexto para que os profissionais e intelectuais da educação não assumam sua parcela de responsabilidade no cumprimento de sua função primordial de ensinar as crianças e jovens a ler e a entender o mundo.

Alguns países e sociedades conseguem resultados educacionais muito melhores do que os nossos, partindo muitas vezes de condições piores, e precisamos entender melhor porque isto ocorre. As condições econômicas, sociais e culturais dos estudantes e suas famílias condicionam muito fortemente sua capacidade de aprender, mas, quando a escola está comprometida com a educação e os professores sabem o que fazer, o efeito pode ser muito significativo, e contribuir para mudar a situação das pessoas. Nossa pesquisa mostra que, no Brasil, muitos professores não aprendem a alfabetizar nos cursos de pedagogia, e acham que não podem fazer nada, por causa de tudo "isso que está aí". Nós pensamos, ao contrário, que uma orientação mais voltada para a boa pedagogia, e menos para grandes teorias críticas e pseudo-filosóficas, poderia contribuir bastante para começar a mudar a realidade, sem precisar aguardar o momento mágico da revolução libertadora, cuja espera parece que tudo justifica.